



A peça do mês

Ara de Calpurnia Hegesistrate (Avis, Portalegre)

A apresentar pelo Dr. Pedro Marques, em 13 de Abril de 2013 às 15h

Peça do Mês no Museu Nacional de Arqueologia ABRIL 2013



O Museu Nacional de Arqueologia (MNA) possui um acervo de muitos milhares, na verdade centenas de milhares, de objectos. Provém eles de intervenções arqueológicas programadas ou de achados fortuitos, tendo sido incorporados por iniciativa do próprio Museu ou por depósito ou doação de investigadores e coleccionadores.

Todos os períodos cronológicos e culturais, e também todos os tipos de peças, desde a mais remota Pré-História até épocas recentes, neste caso com relevo para as peças etnográficas, estão representados no MNA. Às colecções portuguesas acrescentam-se as estrangeiras, igualmente de períodos e regiões muito diversificadas.

O MNA é ainda o museu português que possui no seu acervo a maior quantidade de peças classificadas como “tesouros nacionais”.

Existe, pois, sempre motivo de descoberta nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia e é esse o sentido da evocação que fazemos, em cada mês que passa.

Ara de Calpurnia Hegesistrate (Avis, Portalegre)

Período Romano

Século II d.C.

No decorrer das suas inúmeras viagens por Portugal, José Leite de Vasconcelos contactou com a população e recolheu tradições etnográficas e etnológicas, assim como informações históricas, arqueológicas e epigráficas locais. Graças ao seu labor e empenho, muitos foram os objectos e monumentos identificados nessas jornadas que entraram nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia, na época Museu Etnológico Português.

Há precisamente 99 anos, em Abril de 1914, José Leite de Vasconcelos concretizou uma viagem ao Alentejo e na herdade de Defesa dos Barros, concelho de Avis, o prior do Ervedal mostrou ao incansável investigador uma ara funerária romana dedicada aos Deuses

Manes e erguida em memória de Calpurnia Hegesistrate. Passados dois anos, este belíssimo monumento pertencia já ao espólio do museu. Em 1984, a ara foi estudada de forma exímia por José d'Encarnação, no âmbito da sua tese de Doutoramento "Inscrições Romanas do Conventus Pacensis" (IRCP 448).

Talhada em mármore branco de Estremoz / Vila Viçosa, composta por capitel, fuste e base, a ara exhibe uma decoração variada e simbólica e revela-nos sentimentos e cultura da sociedade.

Na face dianteira, duas colunas evocam as portas do mundo dos mortos. Numa das faces laterais, sob uma árvore e ao nível das raízes, um javali, na sua incessante procura por alimento no subsolo, remete também para este mundo infernal. Na face lateral oposta, uma ave debica os frutos de uma árvore similar, personificando a alma da defunta.

Os deuses Manes eram as almas dos mortos, seres puros e divinos, que do além tutelavam cada família.

O texto, grafado de forma elegante, aparece no fuste e revela-nos que Calpurnia Hegesistrate faleceu com 17 anos. O pai, Calpúrnio Alexandre, foi o responsável por mandar fazer o belo monumento. Ambos pertencem à família Calpúrnica e possuem cognomina grecizantes, o que nos indica a hipótese de terem uma origem servil.



Ara, de Calpurnia Hegesistrate, 994.29.1